1

Introdução

No período de fevereiro a agosto de 2002, participei como produtor da Exposição “Designers e artesãos – Extratos da Moda Brasileira”, em São Paulo, que uniu o artesanato têxtil de comunidades dos estados do Ceará, Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo à confecção de peças do vestuário idealizadas por estilistas profissionais. Esta iniciativa partiu de uma indústria de tecidos em malha, Malharia Marles, em comemoração aos 30 anos de sua fundação.

A finalidade principal da malharia vislumbrava a junção de pólos criativos – artesãos e estilistas – no sentido de incentivar e valorizar a cultura brasileira através da utilização, nas criações, de peças desenvolvidas em tipologias artesanais.

Este foi o meu primeiro contato com o universo que abrange a produção artesanal em comunidades tradicionais. A experiência despertou em mim o interesse no aprofundamento de questões observadas, durante as visitas, no tocante ao desenvolvimento dos motivos executados por aqueles artesãos e pelo modo de sobrevivência da tradição do artesanato.

No mês de julho de 2004, viajei para Fortaleza e fiz algumas incursões às comunidades participantes do Projeto da Malharia Marles, como forma de retomar o contato inicial feito em 2002 para fazer uma pré-pesquisa e identificar quais pontos poderia abordar neste Projeto de Mestrado em Design, apresentado à PUC - Rio.

As tipologias de artesanato selecionadas para o Projeto Marles, no Ceará foram: renda de bilros, bordado richelieu, bordado ponto-cruz e trançado em fitas. No entanto, fiz um recorte para apresentar à comissão avaliadora, principalmente, por perceber as múltiplas possibilidades que englobam a comunidade a ser estudada, como: questões políticas, socioeconômicas, de identidade cultural e inserção social através do desenvolvimento de padrões atualizados do bordado cheio, na comunidade de Itapajé/CE.

O tema principal de minha pesquisa é o estudo da inovação nos padrões dos bordados, em ponto cheio e vazado, na comunidade de Barateiro (Itapajé/CE) através

do estudo da complexidade dos fatores envolvidos no processo que entende essas inovações.

Qual o processo empregado pelos artesãos na criação de novos padrões para o bordado produzido na comunidade (mímese, cópia, estilização, apropriação,...)? Ele é feito de forma ordenada? Com que intenção? Obedece a algum calendário pré-estabelecido? Quem são os agentes ativos que promovem a renovação deste processo? Qual o processo comunicacional utilizado na transposição dos padrões – do campo real para o campo imaginário e vice-versa? De que forma a “tradição” do bordado é inventada? Quais os estímulos para a permanência deste tipo de atividade como agente transformador de questões relativas ao gênero? Porque o gênero masculino demonstra interesse em fazer parte do atual processo de confecção artesanal?

A questão principal advém da criação dos bordados na comunidade de Barateiro, no entanto outras variáveis, decorrentes da problematização, permitem que questões de ordem sociológicas, antropológicas e, principalmente, culturais possam ser investigadas com o suporte do Design.

Portanto, o objeto da pesquisa é o processo de criação dos bordados produzidos pela comunidade de Barateiro, no interior do Ceará, enquanto artefato de uma cultura material/imaterial. E ainda, o mapeamento e a tentativa de extrair deste legado cultural informações e conhecimentos para análise e compreensão do processo de produção do bordado na comunidade, no tocante ao desenvolvimento de “novos” padrões criados, a partir do referencial imagético do cotidiano do grupo.

Pretendia, com esta pesquisa, estudar as questões sócio-culturais da comunidade de Barateiro (no município de Itapajé/CE), sobretudo focalizando o processo de criação dos bordados produzidos na comunidade e o propósito de reinventar as tradições artesanais, a partir do referencial imagético do cotidiano do grupo, após a intervenção promovida pelo Programa de Revitalização do Artesanato de Itapajé – PRA-ITA.

Para tanto, formulei questões, como: conhecer como se deu a atividade artesanal, na cidade de Itapajé; discriminar as etapas de criação e confecção dos bordados na comunidade de Barateiro; analisar as relações entre os familiares e

agregados de uma mesma família ou grupo de bordadeiras¹ na comunidade de Barateiro, na atividade do bordado; observar as bases que consolidam o “bordado como assinatura”²; verificar o que configura o bordado de Itapajé/CE como “o saber local”; investigar a participação masculina na atividade do bordado, de Itapajé.

A realização do bordado artesanal vem sendo repetida, ao longo dos anos, sem necessariamente se pensar na produção artesanal com a intenção de ter um valor estético associado ao valor simbólico. É ainda, na maioria das vezes, criado com um direcionamento para a decoração, e não como uma função específica na criação de moda. Serve às identidades locais e regionais: o artesanato produzido se estende no tempo, como memória de antepassados, caracterizando tradições familiares de uma cultura e de uma sociedade.

O estudo que agora apresento, apóia-se na constatação da existência de pouca literatura específica acerca da relação existente entre o processo criativo de um grupo de artesãos e a importância dos significados (e do campo de atuação) que estes elementos circunscrevem, como promotores e difusores de elementos da cultura brasileira.

Considero pertinente uma reflexão crítica sobre objetos e linguagens gerados por meio de manufaturas artesanais, como as dos bordados de Itapajé, propostas neste trabalho. A pesquisa produzida na área do Design permitiu uma melhor compreensão da materialidade dos bordados e de sua visibilidade nos aspectos estéticos, simbólicos, históricos, sociológicos e subjetivos, enfatizado pela interdisciplinaridade como um dos fundamentos básicos da prática em Design.

O estudo e a pesquisa em questão servirão de base para o entendimento e a aplicação dos resultados em outras experiências similares, ampliando os conhecimentos na área. Desta maneira, cumpro com meu papel enquanto pesquisador: entender a produção artesanal e a cultura do bordado de Barateiro como produto e vetor de relações sociais.

A prática antropológica configura a etnografia como uma aventura pessoal. Para GEERTZ (1989, p. 14), o trabalho etnográfico busca estabelecer um diálogo,

¹ O termo “bordadeiras” aparecerá, em alguns casos, flexionado no masculino, quando se referir aos homens que bordam.

² O termo “assinatura” refere-se aqui a alguma distinção, às vezes técnica ou formal, que os artesãos utilizam para serem reconhecidos como pertencentes a um determinado grupo/família.

uma fala possível, uma intercomunicação e em seu relato: “observa, registra e analisa”. GEERTZ (1989, p. 04) defende os estudos sobre cultura como “essencialmente semiótico”, como uma ciência interpretativa, à procura de significados. Em outro texto, GEERTZ (1997) demonstra como a arte é um dos “saberes locais” que define uma dada população.

A natureza deste trabalho previa um estudo voltado para os conceitos de identidade e cultura. Para tanto, teóricos, como LARAIA, em “Cultura. Um conceito antropológico”; GEERTZ, em “A interpretação das culturas” e “O saber local”; HALL, em “Da diáspora”; CANCLINI, em “Culturas Híbridas” e “As culturas populares no capitalismo”, e BURKE (2003), em “Hibridismo cultural” serviram como base para identificação destes conceitos na comunidade pesquisada.

Não há unanimidade entre os estudiosos quanto à definição de cultura. O termo não possui, inclusive, uma significação única nas diversas línguas. O sentido original do termo latino “cultura” significa o ato de cultivar; tanto se referindo ao cultivo de plantas quanto à produção material e espiritual humana. A partir dos conceitos dos autores citados, selecionei uma abordagem condizente com a pesquisa, no decorrer das disciplinas cursadas na Pós-Graduação em Design.

De acordo com LARAIA (2003) os conceitos sobre cultura são muito mais dinâmicos que qualquer definição, pois

[...], cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir” (LARAIA, 2003: 101).

No campo da história utilizei alguns ensaios de BENJAMIN (1986) em suas teses “Sobre o conceito de história”. História defendida por ele como “não-reducionista” e dissociada do pensamento do senso comum de que a história é linear, numa sucessão de acontecimentos políticos. Para o autor, a História nada mais é do que uma explosão do passado e os fragmentos desta explosão são recriados no

presente causando esta sensação de uma linha esquemática e cronológica de tempo. Apresenta, ainda, um dado que me apropriei ao destacar a figura do “narrador”, que no mundo moderno capitalista, utiliza a experiência vivida despertando uma reflexão sobre a necessidade de sua reconstrução para garantir a memória. A aplicação dos conceitos de história e memória se encaixa no modelo de “memória oral” das comunidades artesanais, onde as “estórias” fornecem dados para a “História”.

Nesta mesma perspectiva, VELHO (1994, p. 103) contextualiza o sentido da história com noções de “memória”, “projeto” e “identidade”, levando em consideração os conceitos de “intersubjetividade” e “negociação da realidade”.

A história local (do Ceará) foi pesquisada nos escritos organizados por SOUZA (2004), em “Uma nova história do Ceará”, no qual reúne artigos de pesquisadores e historiadores especializados no Ceará. Em “História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada”, ADERALDO (1998) escreve sobre a capital do estado do Ceará, desde sua fundação até o final do século XX, de forma abreviada como especificado no título do livro.

Algumas publicações promovidas pelo município de Itapajé foram utilizadas como subsídios para a descrição do município e, mais especificamente, da comunidade estudada, como: SILVA (2000), em “Sob as vistas do monge lendário” e “Estudo da Cidade” e LOUSADA (2002), em “Cronologia do artesanato de Itapajé”, numa descrição bastante detalhada de Itapajé, com dados geográficos e sociais. Estes livros serviram para compreender melhor os meios em que os itapajeenses vivem e sua eterna dicotomia: inverno/verão; abundância/escassez; verde/cinza; umidade/aridez; sol/chuva, tentando romper com a monotonia da pobreza secular e da relação do homem com a natureza.

Recentemente, a professora FILGUEIRAS (2005) defendeu sua dissertação de mestrado em Economia Rural, na qual fez uma análise quantitativa e qualitativa da comunidade de Barateiro, no intuito de medir a qualidade de vida das artesãs participantes do Programa de Revitalização do Artesanato de Itapajé - PRA-ITA³. Este estudo foi utilizado no que se refere aos dados primários da comunidade.

³ Explicarei oportunamente as ações desenvolvidas no PRA-ITA.

Algumas reflexões sobre artesanato e ofícios tradicionais foram abordadas a partir de escritos como: PORTO ALEGRE (1994), em “Mãos de mestre: itinerários da arte e tradição”, pois se refere à pesquisa desta professora e antropóloga da UFC, como tese de doutoramento realizada na USP, voltada para o artesanato cearense e as culturas populares. Algumas dissertações (defendidas na Escola de Belas Artes – EBA/UFRJ) foram consultadas, no sentido de entender como se desenvolveram outras pesquisas sobre objetos artesanais, como nos casos: “Renda de bilro, renda da terra, renda do Ceará – A expressão artística de um povo”, de FLEURY (2002); “A tradição nossa é essa, é fazer panela preta – Produção material, identidade e transformações sociais entre as artesãs de Goiabeiras – Vitória do Espírito Santo”, de DIAS (1999) e “De cama, mesa e banho: uma etnografia de rendas e bordados do enxoval da casa brasileira”, de BADARÓ (2000). A professora RIBEIRO (1983), no livro sobre “O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea”, aponta para os caminhos e as transformações pelas quais a atividade artesanal tem percorrido.

À luz dos teóricos HOBBSAWM e RANGER (1997), abre-se espaço para uma estratégia discursiva que os organizadores chamam de “invenção da tradição”. Este tema foi identificado na comunidade pesquisada como uma das balizas que nortearam os conceitos sobre “tradição” e “inovação”.

O professor CARVALHO (2005), lançou seu último livro – “Artes da tradição – mestres do povo”, no qual realiza uma visão panorâmica sobre o Ceará, descrevendo inúmeras manifestações artísticas e culturais em companhia de um fotógrafo como forma de registro. Em outra publicação, “Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense”, o mesmo autor fez a organização de escritos de um grupo de estudos do Departamento de Sociologia, da Universidade Federal do Ceará/UFC, com questões referentes à identidade cultural do cearense que serviram para fazer algumas analogias com o grupo pesquisado.

O estudo sobre a imagem é importante como mostra o trecho: “Se a imagem é percebida como representação, isso quer dizer que a imagem é percebida como signo” (JOLY apud MEDEIROS, 1999, p. 30). Ao deparar-se com o estudo de objetos materiais é fundamental que se pense no sistema de circulação destes objetos. Pensar

em quem faz, implica pensar em como faz; ou talvez, onde faz; quando; porque e, principalmente, perguntar sobre os significados que assumem.

Não pretendia fazer uma descrição sobre os pontos de bordados, no entanto indico alguns autores que escreveram sobre este tema, como: BADARÓ (2000), em “De cama, mesa e banho: uma etnografia de rendas e bordados do enxoval da casa brasileira”; BRIEUVES (1908), em “O bordado: história do bordado através dos tempos e dos paizes”; MAGALHÃES (s.d.), em “A bordadeira”; SCHWETTER (1944), em “Enciclopédia de trabalhos manuais: fios, bordados e tecidos” e SINGER SEWING MACHINE COMPANY (1947), só para citar alguns títulos consultados para esta pesquisa.

Este estudo teve como base uma metodologia plural, pela própria natureza e complexidade do tema proposto, pois “costurando” os elementos da história do artesanato, design, semiologia, lingüística, antropologia e etimologia, cheguei a um estudo interdisciplinar.

A pesquisa teve como base metodológica a etnografia que se mostra eficaz em análises da natureza deste objeto de estudo. A etnografia possibilita um novo olhar, ou um olhar singular, sobre outras épocas, feitos por outros componentes e oferece um novo ângulo de percepção nas mudanças. A tríade “observar, registrar e analisar” sintetiza o processo de investigação que tomei por base, a partir da leitura de GEERTZ (1989).

A observação empírica teve como principal foco a visita sistemática à comunidade de Barateiro, nos anos de 2004, 2005 e 2006, com depoimentos para uma análise qualitativa do processo de criação e confecção dos bordados nas etapas de definição do novo padrão (criação), desenho, risco, bordado, acabamento/recorte, lavagem, engomagem, embalagem e distribuição/venda.

Esclareço que os depoimentos colhidos naquela comunidade serviram para nortear os caminhos pelos quais iria percorrer. Em 2004, durante a pesquisa exploratória, tomei nota dos dados mais importantes (nomes, datas, tipologias, etc.), sem a preocupação em gravar as falas. No entanto, fiz uma espécie de diário de viagem, para deixar os contatos registrados (ANEXO 01). Em 2005, retomei o contato com as artesãs. Em algumas ocasiões, percebi que o uso do gravador, para o

registro de depoimentos, acabaria por intimidar os informantes. No entanto, consegui gravar alguns relatos na casa de D. Eronildes, com falas de seus filhos, Francisco e Sandra (ANEXO 02). Em 2006, com uma máquina filmadora, registrei alguns depoimentos, de Iara Braga (ANEXO 03) e de Ésio Lousada (ANEXO 04).

Optei por apresentar neste trabalho, uma divisão contendo três capítulos principais, além dos elementos pré-textuais e pós-textuais, que descrevo a seguir.

No primeiro capítulo - “**Os bordados de Barateiro**” - apresento os bordados produzidos de forma artesanal na comunidade de Barateiro, através das tipologias, funções, formas e fases de produção, origens e (possíveis) destinos. Este capítulo serve como início para a produção da dissertação e, por meio da etnografia, revela o objeto principal da pesquisa: os bordados.

No segundo capítulo – “**Reflexões sobre artesanato**” -, abordo questões relacionadas às narrativas e aos discursos proferidos em nome de práticas artesanais. Apresento alguns discursos para abordar as narrativas inscritas neste campo do conhecimento (artesanato) ligadas aos fatores socioeconômicos e culturais. Utilizo-me, como ponto de partida, das falas de pesquisadores e de artesãos como duas vertentes tensionadas entre a “preservação” e o “desenvolvimento”, presentes nos discursos sobre o artesanato.

No terceiro e último capítulo da dissertação – “**Da tradição à inovação**” - investigo a forma de produção da atividade artesanal através da dinâmica provocada pela dicotomia de termos como “tradição” e “inovação”. Foi necessário fazer uma contextualização a respeito destes conceitos, variáveis de acordo com o âmbito espaço/temporal. Ainda neste capítulo, abordo questões relacionadas às práticas artesanais, numa perspectiva mais sociológica, com uma visão voltada para os artesãos e suas relações com os objetos produzidos (os bordados) e com a comunidade / localidade, e seu posicionamento frente à sociedade. Dedico um espaço para analisar o que os artesãos de Barateiro costumam chamar de “assinatura” como sendo uma forma singular de produção de bordados, mesmo sendo uma atividade, geralmente, coletiva.

Finalmente, a **Conclusão** aponta para os caminhos propostos nos objetivos da pesquisa.

Como elemento de pós-texto, apresento a **Bibliografia** utilizada para o desenvolvimento da pesquisa e, finalmente, os **Anexos** com os dados complementares da pesquisa.

O programa de Pós-graduação em Design promove também reflexões, ao possibilitar o desenvolvimento desta pesquisa em um ambiente acadêmico, pois comporta estudos sobre a produção de bens e serviços, na maioria das vezes, destinados à indústria, mas considerando outras formas de produção e circulação de objetos (os bordados, por exemplo).

Acredito que meu trabalho possa contribuir para um maior entendimento de duas áreas (Design e Artesanato) que, aparentemente, se apresentam como antagônicas. Costuma-se entender a produção industrial como o desenvolvimento de um modo de produção que passou por um momento manufatureiro e, antes ainda, por um modo de produção artesanal. No entanto, tomo como ponto central de minha apresentação uma comunidade contemporânea, em pleno processo de produção artesanal, convivendo numa sociedade globalizada, com o surgimento de sucessivas tecnologias.